

5 MAR 1987

## ESTADO DE SÃO PAULO *Uma autocrítica complacente*

ANC

A mensagem que o presidente dos Estados Unidos envia cada ano ao Congresso constitui um momento que marca a vida parlamentar, apenas igualado pela discussão do orçamento. A mensagem do presidente José Sarney foi lida, em tempo de carnaval, diante de um Congresso vazio; como no caso do orçamento, não ensejará uma discussão tão necessária após o malogro do Plano Cruzado. Necessária, repetimos, na medida em que ela poderia criar a oportunidade de evitar que se repitam erros que levaram o País ao atual *impasse* em que se encontra no plano cambial.

A mensagem presidencial apresenta-se como simples formalidade, em que seus autores nem se dão à pena de atualizar valores, estimados com mais de um mês de *antecedência*. Um simples exemplo ilustra tal desinteresse, que se volta contra o próprio Executivo: a última estimativa do déficit público foi de 2,7%, mas na mensagem manteve-se o valor estimado de 2,9%, publicado anteriormente. Esperava-se, por outro lado, que o governo aproveitasse a oportunidade para proceder a uma análise crítica da sua ação. Na realidade, ainda que algumas frases reco-

nheçam timidamente pequenos problemas, a mensagem, na sua totalidade, é apenas um vasto elogio em causa própria.

Os números brutos apresentados na parte econômica da Mensagem são perigosos e em muitos casos discutíveis. A grande preocupação dos que analisam a evolução econômica foi o impulso dado à demanda, enquanto os investimentos diminuíram. A mensagem destaca o crescimento da demanda interna e os desequilíbrios que trouxe; registra, no entanto, aumento muito elevado para a formação bruta de capital, que teria atingido 19% do PIB, contra 16,7% no ano anterior. Tais dados não correspondem à última estimativa do Banco Central (16,4%). Pelo menos, a mensagem reconhece: "Essa elevação dos níveis de investimento não foi, contudo, generalizada. De um lado, esteve mais concentrada em modernização de equipamentos e processos do que na ampliação da capacidade produtiva. De outro, atingiu de forma desigual os vários setores, agravando alguns pontos de estrangulamento".

Quando se trata da taxa de inflação, o governo se mostra muito satisfeito com os resultados alcançados, não se preocupando com o fato de

haver-se registrado aumento de 62,4% em 1986, com preços congelados, com índices que não captavam os verdadeiros preços. O Executivo também não deu importância à inflação reprimida, que começa a se vingar do desrespeito pelas leis do mercado...

Um grande espaço foi reservado à análise do Plano Cruzado — que se fez de modo superficial e com afirmações que beiram a inconsciência. O presidente Sarney afirma que, "ao ser lançado o Programa de Estabilização Econômica, havia a consciência de que fora desencadeado um processo que deveria ser continuamente administrado". Cabe acrescentar que foi tal administração que faltou, pois os objetivos políticos dominaram os econômicos. Congratula-se o presidente da República pelo esvaziamento dos circuitos de especulação justamente no momento em que estão voltando; s. exa. nem se lamenta, no início de março, da volta a um sistema de indexação, cuja eliminação fora mérito do Plano Cruzado.

Dá-se grande ênfase, na mensagem, aos resultados alcançados no tocante à criação de empregos e à redução do desemprego; não se admite, porém, que isso foi sonho de

uma noite de verão, e que já se enfrentam problemas quanto à absorção de mão-de-obra.

Não se pode deixar de assinalar a tranquilidade com a qual se analisa a deterioração da situação cambial, ponto mais negativo do Plano Cruzado, ou a falta de coragem de anunciar, após ter decidido uma moratória parcial, que a economia brasileira pode ficar estrangulada se os bancos credores se recusarem a dar sua contribuição para salvar a economia brasileira.

O Executivo prefere repetir os objetivos do Plano de Metas do I PND da Nova República, como se a inflação que está de volta não ameaçasse tais metas — já ambiciosas no quadro de uma economia estável. Por outro lado, não se refere ao fato de que, sem cambiais, o País poderá ficar incapacitado de realizar importações tão necessárias a manter uma taxa de crescimento que o Executivo continua a prever que será alta, não imaginando que poderá ser muito inferior aos 7% almejados.

O Brasil recusa-se a assinar uma Carta de Intenção para o FMI, mas a Mensagem do presidente da República nada mais é senão uma longa carta de intenções, sem meios de atingi-las.